

---

**CONGRESO  
IBEROAMERICANO**  
DE CIENCIA, TECNOLOGÍA,  
INNOVACIÓN Y EDUCACIÓN

---

BUENOS AIRES, ARGENTINA  
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRE 2014

---

**CONGRESSO  
IBERO-AMERICANO**  
DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA,  
INOVAÇÃO E EDUCAÇÃO

---

BUENOS AIRES, ARGENTINA  
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRE 2014

**Programa de Inclusão Digital para a Melhor Idade  
(PIDI): Um projeto de extensão como Produção de  
Conhecimento e Inclusão Sócio digital**

SANTOS, C. T. B.; SENA, C.P.P; CARDOSO, N. S.

## **Programa de Inclusão Digital para a Melhor Idade (PIDI): Um projeto de extensão como Produção de Conhecimento e Inclusão Sócio digital**

Cleide Tavares Bittencourt Santos<sup>1,2</sup>, Claudia Pinto Pereira Sena<sup>1,3</sup>, Naan Silva Cardoso<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Salvador UNIFACS - Campus Feira de Santana – Bahia

<sup>2</sup>Universidade do Estado da Bahia - Bahia

<sup>3</sup>Universidade Estadual de Feira de Santana - Bahia

cleidetb@gmail.com, caupinto.sena@gmail.com, naancardoso@gmail.com

**Resumo.** Atualmente, a tecnologia vem tomando proporções cada vez maiores e, faz-se necessário, principalmente, ao grupo da terceira idade, incluir-se a esse mundo virtual, causador de tantos medos e curiosidades. As TIC têm se tornado o grande mediador para contribuir com a inclusão sócio digital, na tentativa de diminuir o número de analfabetos digitais. Assim, o presente artigo tem como finalidade apresentar os primeiros resultados do PIDI (Programa de inclusão digital para a melhor idade), um projeto de extensão comunitária, que trata da inclusão digital de pessoas da melhor idade, preocupado com a responsabilidade social da instituição de ensino superior.

Palavras Chaves: inclusão sócio digital, responsabilidade social, extensão comunitária

## 1. Introdução

As universidades possuem autonomia didática, científica e devem obedecer ao princípio norteador da sua existência, representado pelo tripé ensino, pesquisa e extensão. Isso é de fato comprovado ao se refletir sobre a necessidade de oxigenação do ensino pela pesquisa e de sua difusão pela extensão.

Segundo Silva (2014), a extensão universitária é uma forma de interação entre a universidade e a comunidade em que está inserida. Por meio da extensão, a universidade tem a oportunidade de levar à comunidade o conhecimento da qual é detentora e, de volta, trazer respostas quanto aos seus anseios e demandas, incentivando as novas pesquisas e propiciando a complementação da formação do universitário, através da aplicação prática. É, portanto, uma via de mão dupla com a sociedade.

Outro fator importante a ser relacionado ao tema é o da responsabilidade social, que está diretamente atrelada ao objetivo da atividade de extensão. A responsabilidade social, entretanto, é fruto de um compromisso institucional mais forte, baseado em um quebrar de fronteiras, ultrapassando os limites físicos da instituição educacional, para atender as demandas sociais.

Em um projeto de desenvolvimento social, enquanto ação concreta de uma atividade extensionista, é preciso caminhar em direção à melhoria visível de certos aspectos da vida. O sucesso é medido pelo impacto que estas ações têm sobre a capacidade da comunidade e das suas instituições em tratar de questões de desenvolvimento a níveis cada vez maiores de complexidade e eficácia. Contribuir no processo de melhoria contínua de uma comunidade é fundamental.

Em se tratando do impacto da internet e das TIC (Tecnologias da informação e comunicação) na sociedade, Castells (2003) coloca a necessidade de que todos procurem se atualizar tecnologicamente, no sentido de aproveitarem novas oportunidades e benefícios. Isso inclui os idosos, aqui chamados de melhor idade, que, ao se aproximarem desta realidade, não só adquirem habilidades de manuseio (técnicas), como também autonomia, motivação, interesse por novas descobertas e, sobretudo, se sentem valorizados e inclusos socialmente.

Desse modo, considera-se relevante avaliar o projeto como agente de inclusão sócio digital e produtor de conhecimento. Considerando esses fatores, foram estabelecidos, para este trabalho, os seguintes objetivos: (1) apresentar e analisar o programa PIDI (Programa de Inclusão Digital para Melhor Idade) como agente de inclusão sócio digital e produtor de conhecimento e (2) verificar a correlação entre os seus elementos característicos e uma cultura interdisciplinar, uma vez que o projeto vem sendo aplicado com estudantes de dois cursos: sistemas de informação (SI) e engenharia da produção.

A estrutura deste trabalho divide-se em seis seções, incluindo introdução e conclusão. A seção 2 contempla um tópico sobre a extensão universitária e responsabilidade social. A seção 3 apresenta considerações teóricas a respeito da terceira idade e a inclusão digital. A seção 4 traz a metodologia de trabalho adotada no projeto PIDI, e a

seção 5 apresenta a análise dos dados coletados. Por fim, é apresentada a conclusão do trabalho.

## **2. Extensão universitária e responsabilidade social**

Enfatizando a importância da extensão na comunidade acadêmica e sociedade, pode-se dizer que a extensão é uma via de mão dupla com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará na sociedade a oportunidade da elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes terão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, seria acrescido àquele conhecimento. Este fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados (acadêmico e popular), terá como consequência a mudança de conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na universidade (FÓRUM..., 1999).

Os princípios da integração ensino-pesquisa, teoria e prática que embasam a concepção de extensão como prática social e função acadêmica da universidade, revelam um novo pensar e fazer, que se consubstancia em uma postura de organização e intervenção na realidade, em que a comunidade deixa de ser passiva no recebimento das informações transmitidas pela universidade, e passa a ser participativa, crítica e construtora dos possíveis modos de organização e cidadania.

Conceber a extensão como prática social implica rever princípios filosóficos e metodológicos do fazer educativo, pois uma ação extensionista não pode se restringir a mera transmissão de informações técnicas, ao contrário, necessita estar em constante processo de troca de saberes, em que a universidade passa a ser o espaço de pluralidade, de discussões, tendo por base o trabalho coletivo, capaz de possibilitar a livre criação, relacionando ensino, pesquisa e extensão, a partir do elo do compromisso social, como expressa Demo (2001, p. 155).

A Universidade precisa, por constituição e vocação histórica, estar inserida na problemática social, porque faz parte da usina do futuro de qualquer sociedade. A falta de compromisso social seria um escárnio. Mas precisa saber colocar o compromisso social dentro de seus mandatos essenciais, que são reconstruir conhecimento e educar novas gerações.

Mendonça e Silva (2002) afirmam que poucos são os que têm acesso direto aos conhecimentos gerados na universidade pública e que a extensão universitária é imprescindível para a democratização do acesso a esses conhecimentos, assim como para o redimensionamento da função social da própria universidade, principalmente se for pública. A extensão, portanto, pode ser considerada indispensável na formação do aluno, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade, implicando em relações multi, inter ou transdisciplinares e interprofissionais.

## **3. Terceira idade e a inclusão digital**

Até pouco tempo, a Terceira Idade era sinônimo de velhice, repouso, e até mesmo, motivo para o afastamento de diversas atividades. Atualmente, a sociedade vem passando por transformações, entendendo que a terceira idade, também chamada de Melhor Idade, pode ser idealizada como uma faixa etária comum, na qual muitos procuram manter uma vida saudável. Envelhecer bem é manter-se o mais jovem possível, buscando a socialização e a integração à sociedade. Segundo a OMS (2005), a terceira idade começa aos 60 anos de idade e não deve ser entendida como sinônimo de decrepitude, e sim de um novo estágio de vida.

Torna-se urgente e necessário que o “olhar” para o envelhecer e seus desdobramentos esteja cada vez mais presente em todos os lugares, preocupando-se com práticas educativas, formais ou não, excluindo os preconceitos, até porque, inevitavelmente, todos nós um dia chegaremos a esta faixa etária. Para se ter um envelhecimento bem sucedido é fundamental manter uma vida ativa, participar de grupos de convivência, desenvolver algum trabalho que traga resultado financeiro ou emocional, viajar, praticar exercícios físicos, dança e, até mesmo se inserir na comunidade digital.

O mundo digital vem, sucessivamente, se fazendo presente nas práticas das relações sociais, assumindo um público de diversas faixas etárias. Seguindo esse contexto, percebe-se que o uso do computador e, conseqüentemente, o uso da Tecnologia da Informação e Comunicação tem crescido, inclusive para o público da terceira idade.

O cenário mundial mostra um crescimento da população idosa e o progresso cada vez mais intenso da TIC. O país marcha rapidamente em direção a um perfil demográfico cada vez mais envelhecido, apontando modificações na estrutura etária da população brasileira. Em 2008, para cada grupo de 100 crianças de 0 a 14 anos, existiam 24,7 idosos de 65 anos ou mais. Em 2050, o quadro mudará, e para cada 100 crianças de 0 a 14 anos, existirão 172,7 idosos (IBGE, 2008). Diante dos dados estatísticos apresentados, é preciso repensar a maneira como esse público é tratado, já que o Brasil caminha para um país de adultos e velhos. Envelhecer, além de depender do processo histórico-cultural do local em que se vive e das condições gerais de vida é uma responsabilidade social, portanto, responsabilidade de todos: indivíduos e empresas.

Enquanto a nova geração se identifica, com desenvoltura, com o universo de ícones, cliques e botões, os idosos convivem com uma complexa mudança, mostrando suas dificuldades em entender essa nova linguagem e avanços tecnológicos tão rápidos. Com isso, o número de idosos excluídos digitalmente, isto é, analfabetos digitais, só tem aumentado. Assim, Silva et al. (2005, p.33), assegura que:

A proposta de universalização de serviços, constante do Livro Verde, traz como inerente ao conceito de inclusão digital não só a aquisição de habilidades básicas para o uso de computadores e da Internet, mas também a capacitação para utilização dessas mídias, em favor dos interesses e necessidades individuais e comunitários, com responsabilidade e senso de cidadania.

Para que os recursos tecnológicos possam fazer parte da rotina dos idosos, há necessidade de projetos consistentes e contínuos, que as insiram em propostas que viabilizem a alfabetização digital, respeitando esse novo perfil de aluno.

O projeto PIDI, proporcionado pela extensão universitária, se apresenta como uma oportunidade de resgate dos espaços de atuação do idoso frente à sua realidade. Integrante de uma geração que sempre determinou os rumos de suas ações, o idoso se vê diante de um dilema ao perder sua capacidade como sujeito ativo e atuante, nos seus espaços para as gerações posteriores (e.g. filhos, netos), cuja habilidade e conhecimento com as tecnologias tornam o partilhar de recursos computacionais praticamente impossível.

A perspectiva do PIDI é não só de instrumentalizar o público da terceira idade no uso das TIC, mas também de permitir a construção de conhecimentos, tanto subjetivos quanto intersubjetivos. Na perspectiva da construção de conhecimentos subjetivos, apreende-se na relação sujeito-objeto e na perspectiva intersubjetiva, apreende-se na relação entre pessoas, sugerindo o sujeito como mediador das práticas educativas (PEREIRA, 2007). Com essa compreensão, o PIDI permite ao idoso o contato direto com o objeto de conhecimento, aqui as TIC, instrumentalizando-os e eliminando barreiras iniciais de medo, baixa autoestima, dentre outras, assim como permite, com a relação com seus pares e com os instrutores e monitores, a (re)construção, a partir da mediação, de habilidades técnicas, cognitivas, afetivas, emocionais e psicológicas.

A constituição do conhecimento, sob a perspectiva intersubjetiva, apresenta-se (...) como um processo dialogado. Com base na conversação todos os sujeitos envolvidos manifestam-se expondo e questionando (...) saberes construídos socialmente, buscam compreensão através da consciência crítica, argumentam e se fazem os próprios agentes na ampliação dos saberes. Expondo-se aos outros, os estudantes certificam-se socialmente acerca dos conhecimentos constituídos ou das faltas e relação a esses (PEREIRA, 2007, p. 30-31)

A troca e compartilhamento de dúvidas, experiências vividas, a exposição dos medos e receios sem constrangimentos é garantido no PIDI pela relação construída entre os estudantes (terceira idade) e os monitores/instrutores (estudantes voluntários dos cursos) e a coordenação envolvida. Garante-se para a terceira idade, dessa forma, a possibilidade de instrumentalizá-los e, mais do que isso, de trabalhar a memória, a coordenação motora, a atenção, aspectos cognitivos importantes para o dia a dia e para a relação social. Para os estudantes do curso, trabalham-se questões relacionadas ao conhecimento ético/moral, como respeito ao próximo e as diferenças, atitude de se colocar no lugar do outro, paciência com o próximo e trabalho colaborativo. A seguir é apresentada a Metodologia do projeto, os resultados e a análise dos dados coletados durante os semestres de 2013.1 e 2013.2.

#### **4. Metodologia utilizada no PIDI**

O projeto de extensão Programa de Inclusão Digital para Melhor Idade (PIDI) teve início no primeiro semestre de 2013 e partiu da iniciativa de uma professora,

coordenadora do projeto, e de dois estudantes do curso SI, através de um diálogo iniciado entre os mesmos em meados de 2012. O PIDI contou com a parceria fechada com o Centro de Convivência para o Idoso D. Zazinha Cerqueira, instituição mantida pela Prefeitura Municipal de Feira de Santana e que atende idosos em uma série de atividades sociais. Inicialmente, a instituição parceira encaminhou 40 idosos (20 para cada turma), com idades a partir de 60 anos, selecionados pelo critério da alfabetização. O curso de Informática Básica ocorreu nos laboratórios de informática da Unifacs, Campus Feira de Santana e teve duração diária de 3 horas, contando com duas turmas, uma nas quartas-feiras durante a tarde, e outra, aos sábados pela manhã.

Esses dois grupos de idosos tiveram à disposição no laboratório, durante o desenvolvimento do curso, três estudantes do curso SI, sendo que, a cada semana, os estudantes se alternavam, desempenhando os papéis de instrutor e de monitor. O estudante que desempenhava o papel de instrutor na semana ficava responsável pela elaboração das atividades a serem trabalhadas com os idosos, enquanto os outros dois se responsabilizavam pela revisão do material e monitoria auxiliar junto aos idosos durante as aulas. Assim sendo, o projeto contou com um grupo de seis estudantes atuantes e uma coordenação geral do projeto.

Inicialmente, o PIDI iria oferecer apenas um semestre de curso, mas, durante o seu desenvolvimento, o grupo de trabalho percebeu que a dinâmica para se trabalhar com esse público precisava ser diferenciada. Desse modo, o projeto foi desmembrado em três módulos de Informática Básica (I, II e III – 60 horas cada), e a partir de 2013.2 o projeto vigorou com essa nova formatação. No segundo semestre de 2013, o PIDI atendeu 70 idosos distribuídos em quatro turmas, sendo que duas dessas turmas cursaram o módulo de Informática Básica II e duas turmas novatas cursaram Informática Básica I. Para o desenvolvimento do projeto em 2013.2, o PIDI contou com a colaboração de doze estudantes voluntários, desempenhando os mesmos papéis de monitor e instrutor.

Após algumas análises e após o levantamento de ideias coletadas durante a execução do projeto ao final de seu um ano de funcionamento, percebeu-se que os idosos ainda apresentavam algumas carências importantes quanto à manipulação de alguns recursos tecnológicos. Nesse sentido, o projeto foi repensado para o semestre de 2014.1. Desse modo, o PIDI continuou sua atuação, em 2014.1, com três turmas, uma com 22 idosos cursando o módulo I, uma segunda com 18 idosos cursando o módulo II e a outra, com 17 idosos cursando o módulo III. Além dessas três turmas, estão sendo disponibilizadas ainda quatro oficinas de curta duração (20 horas cada), são elas: **construção de blogs, produção de vídeo com o Windows Movie Maker, estreitando a interação com os dispositivos móveis, reabilitação cognitiva por meios de recursos multimídia.**

Com a intenção de oferecer mais oportunidades de conhecimentos aos idosos e com o crescimento gradual do projeto, fez-se necessário ampliar a equipe de atendimento, passando a contar com uma professora Coordenadora Geral e dezesseis estudantes voluntários dos cursos de SI e Engenharia de Produção.

Ao final de cada fase do projeto, a coordenação, juntamente com os estudantes monitores, promoveu uma confraternização de encerramento, na qual todas as turmas se encontraram e compartilharam ideias, experiências, sugestões, assim como serviu de momento oportuno para a prestação de contas sobre o quantitativo de idosos envolvidos, grau de satisfação em relação ao projeto e questões afins.

## 5. Resultados e análise

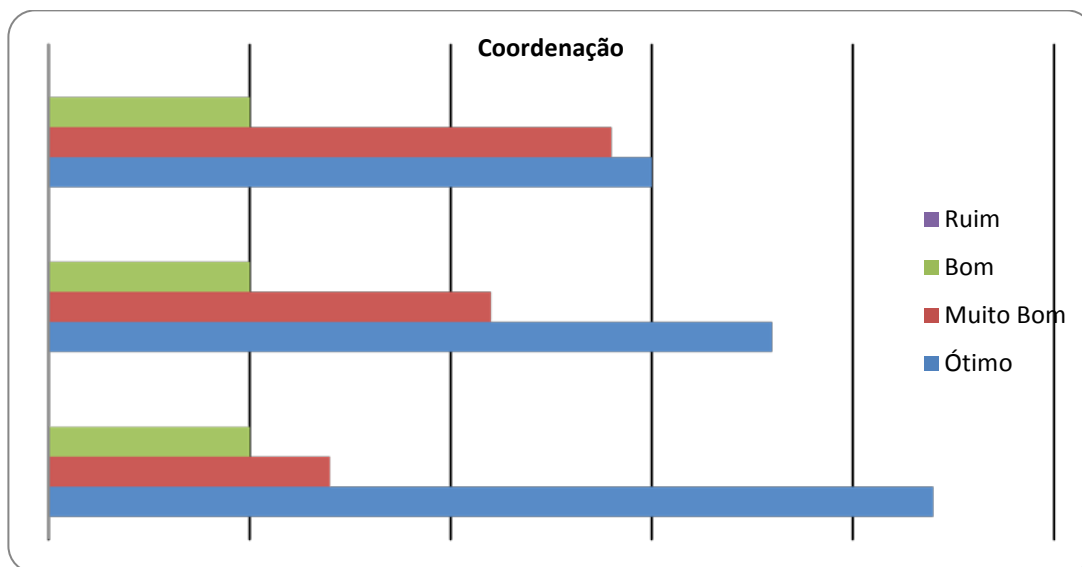
Ao final de cada semestre de execução do projeto, foi realizada uma avaliação diagnóstica quanto ao desenvolvimento do mesmo juntamente aos idosos. Os resultados abaixo discutidos foram os levantamentos realizados nos semestres 2013.1 e 2013.2, respectivamente. Serão apresentados gráficos, refletindo o quantitativo para cada um dos questionamentos feitos, além de percepções e/ou respostas livres desses estudantes. O questionário se dividiu em dois grupos, o primeiro abordando perguntas relacionadas à 'Como avalia o curso', e o segundo, à 'Como avalia sua participação no curso'.

A estatística descritiva foi utilizada como método de análise dos dados, oferecendo um resumo quantitativo e visual das respostas coletadas. Neste sentido, interessa avaliar o valor modal de cada um dos questionamentos, percebendo que respostas, dentre aquelas definidas ('Ótimo', 'Bom', 'Muito Bom', 'Ruim'), foram as mais frequentes.

Em relação à 'Como avalia o curso', os itens de interesse foram: coordenação, infraestrutura, conteúdo, monitores, metodologia e recursos. As figuras 1 e 2 apresentam as respostas para o item Coordenação, respectivamente dos estudantes de 2013.1 e 2013.2. Em 2013.1, tivemos 34 respondentes e em 2013.2, 19 respondentes. O número reduzido de respondentes em 2013.2 justifica-se pelo período em que o questionário foi aplicado, dias de muitos feriados locais com muitas ausências. Por esse motivo, os questionários serão reaplicados, em outro momento oportuno, para o grupo de participantes das turmas de 2013.2.

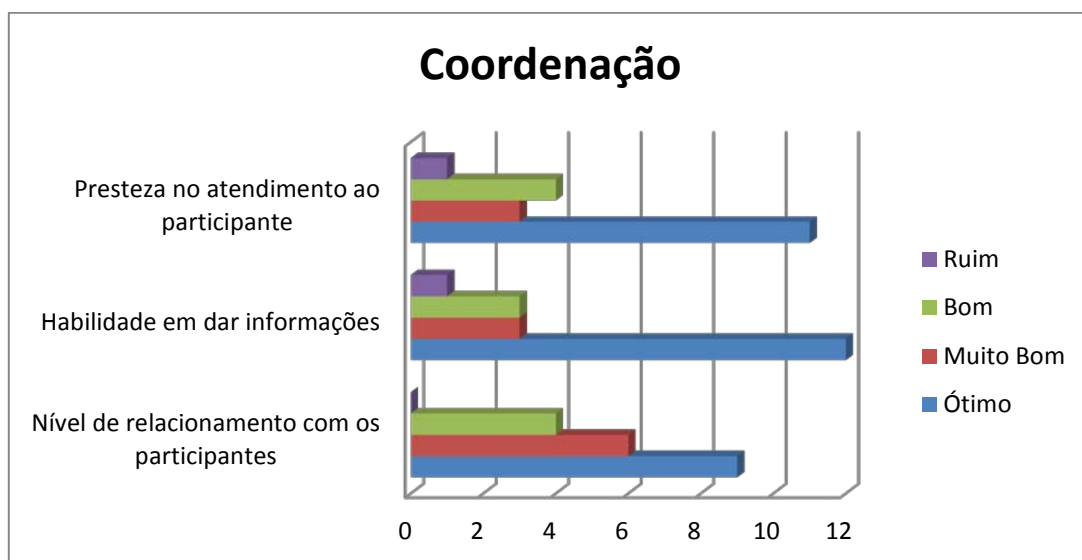


Figura 1 – Avaliação da Coordenação - PIDI - semestre 2013.1



Fonte: Própria, 2014

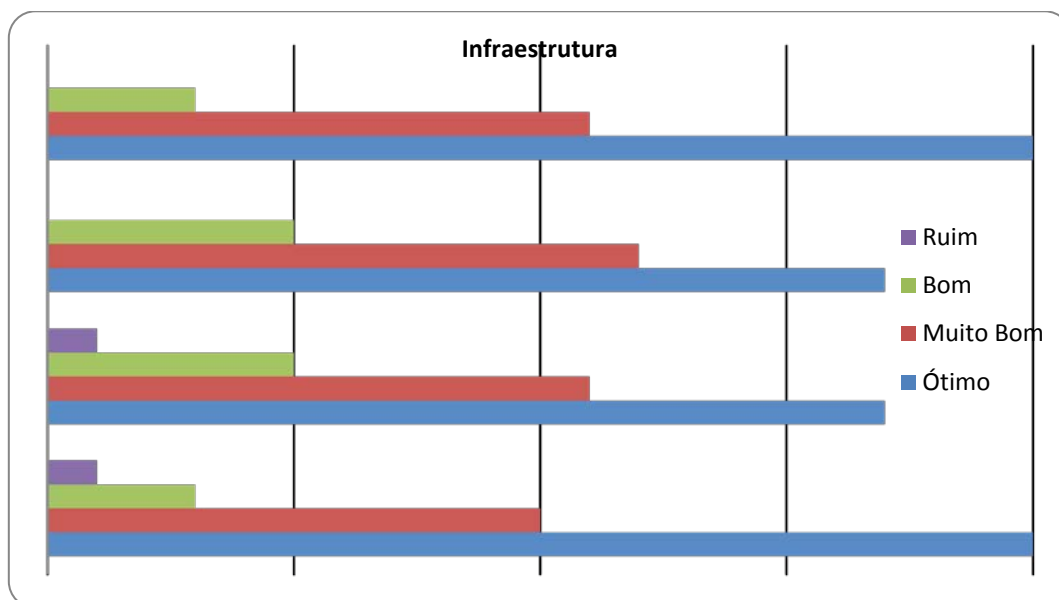
Figura 2 – Avaliação da Coordenação - PIDI - semestre 2013.2



Fonte: Própria, 2014

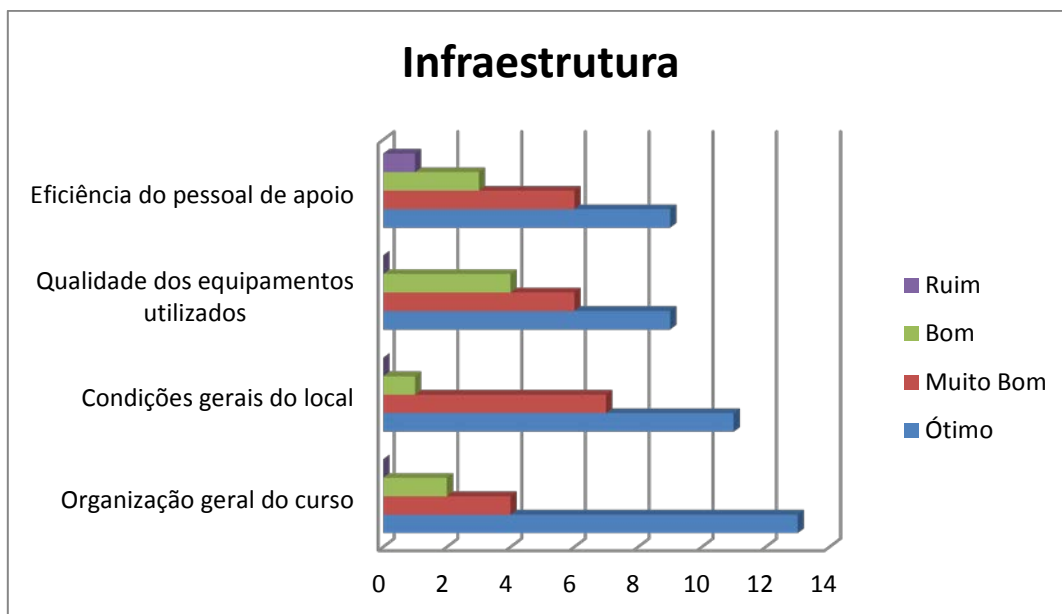
Embora o valor de maior frequência nos dois gráficos (Figura 1 e Figura 2) tenha sido o de respostas 'Ótimo', para todos os três questionamentos relacionados à Coordenação (Presteza no atendimento ao participante; habilidade em dar informações e nível de relacionamento com os participantes), observa-se uma mudança de comportamento nas respostas apresentadas. Na primeira questão, 'Presteza no atendimento ao participante', a coordenação é mais bem avaliada em 2013.2 do que 2013.1, quando se amplia o número de respostas 'Ótimo', em detrimento da redução do número de respostas 'Muito Bom'. Na segunda questão, 'habilidade em dar informações', a avaliação ocorre de modo semelhante. Na terceira questão, 'Nível de relacionamento com os participantes', observa-se que a resposta 'Ótimo' se destacou em 2013.1, e, em 2013.2, houve um equilíbrio maior entre as respostas 'Ótimo', 'Muito Bom' e 'Bom', sinalizando que é importante a reavaliação do relacionamento da coordenação com os participantes, ao menos para entender a redução da avaliação 'Ótimo' e redirecionar novas ações e atitudes.

Figura 3 – Avaliação da Infraestrutura - PIDI - semestre 2013.1



Fonte: Própria, 2014

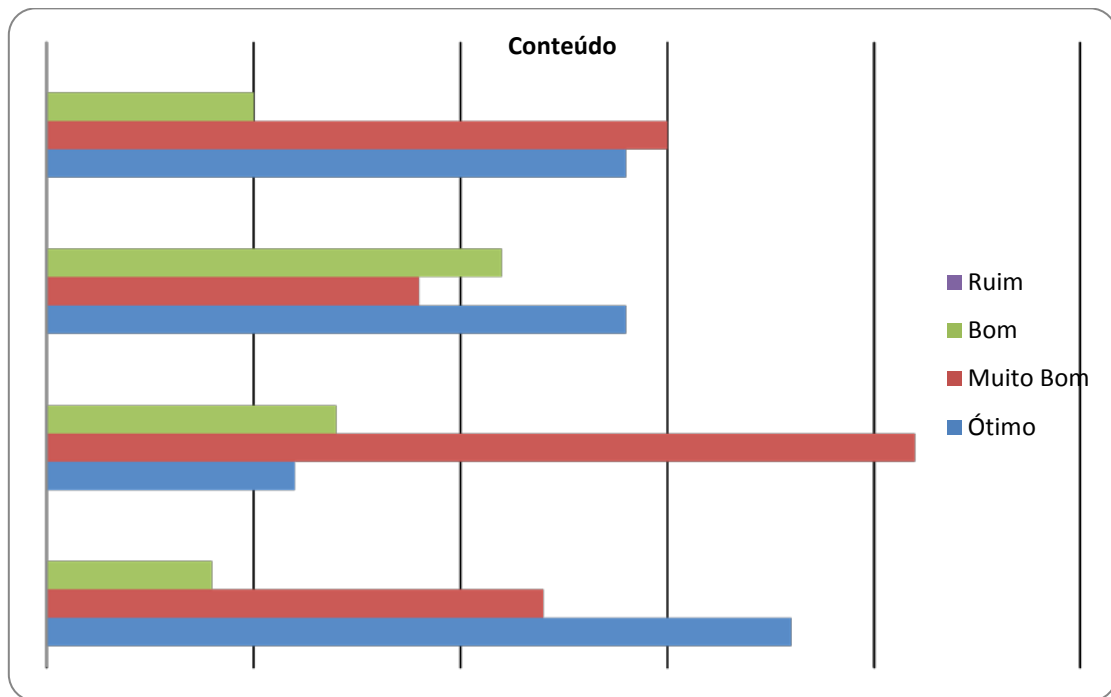
Figura 4 – Avaliação da Infraestrutura - PIDI – semestre 2013.2



Fonte: Própria, 2014

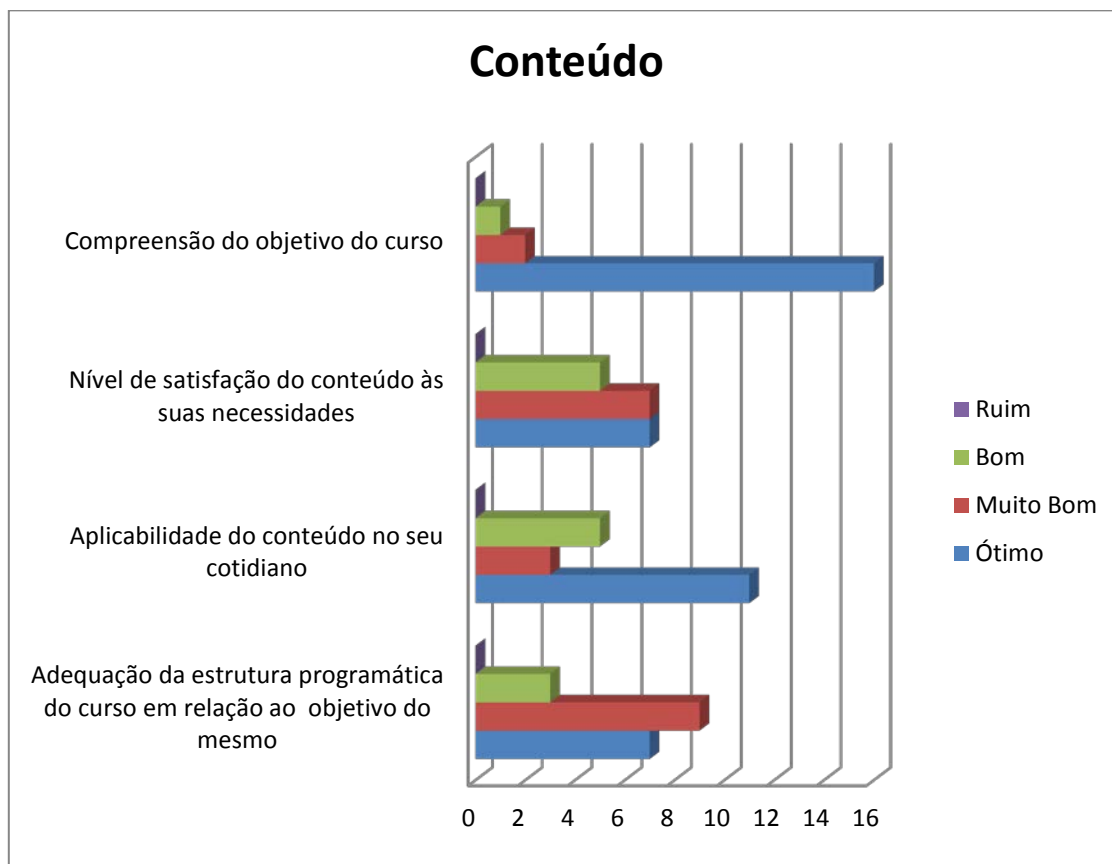
Nas figuras 3 e 4, sobre infraestrutura, percebe-se que, em 2013.2, o item 'Eficiência do pessoal de apoio' tem uma redução considerável na resposta 'Ótimo' em relação a 2013.1, crescendo o item 'Bom' e surgindo uma pequena insatisfação apontada no item 'Ruim'. Quanto à avaliação para 'Qualidade dos equipamentos utilizados', as avaliações se assemelham nos dois semestres. Em sua maioria, os participantes entenderam que foram bem servidos pelo pessoal de apoio da instituição, assim como pelos computadores utilizados para o curso. Em relação às condições gerais do local, houve uma melhora na avaliação, comparando os dois semestres, ampliando as avaliações 'Ótimo' e 'Muito Bom' e eliminando o item 'Ruim'. Quanto à organização geral do curso, também houve melhora na avaliação de um semestre para o outro, ampliando-se a avaliação do item 'Ótimo', zerando a avaliação o item 'Ruim'.

Figura 5 – Avaliação do Conteúdo - PIDI – semestre 2013.1



Fonte: Própria, 2014

Figura 6 – Avaliação do Conteúdo - PIDI – semestre 2013.2



Fonte: Própria, 2014

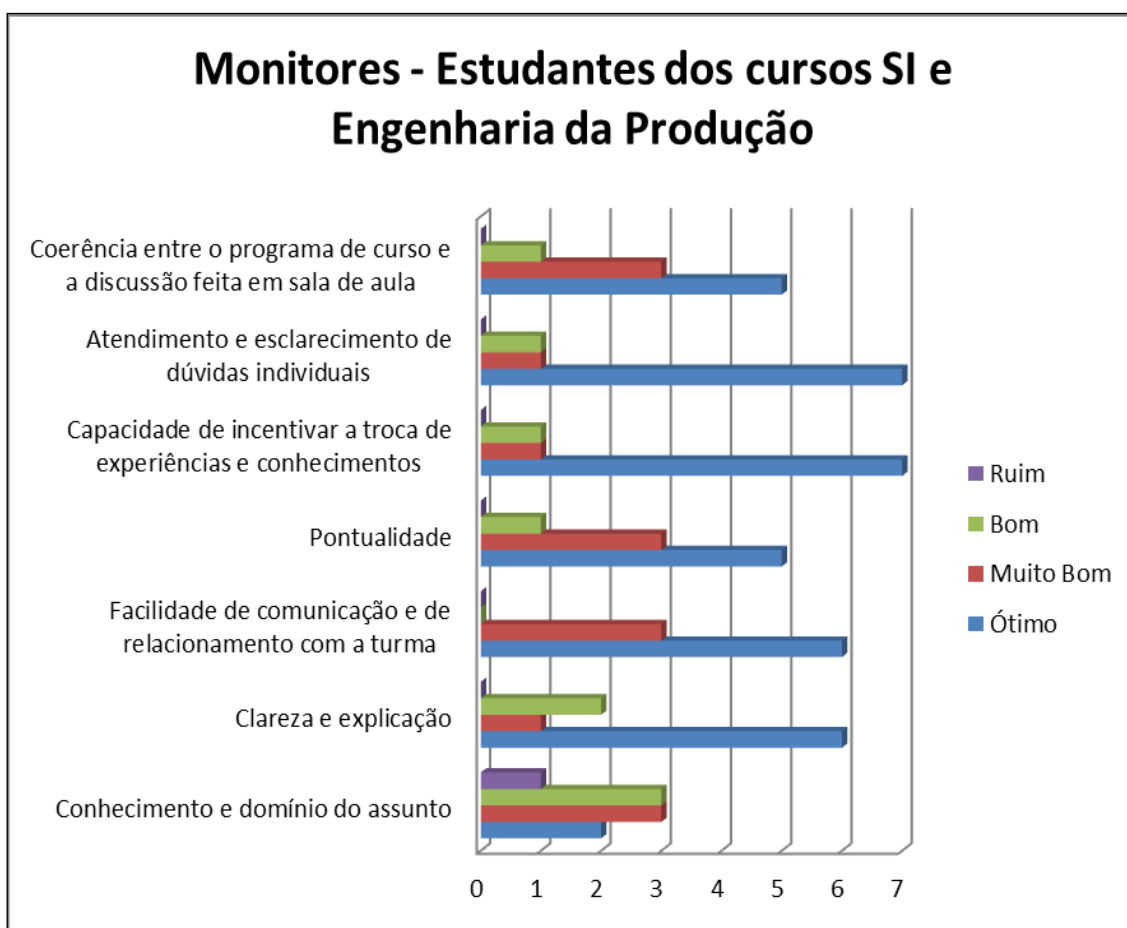
As questões relacionadas ao conteúdo do curso e aspectos relacionados são as seguintes: (1) compreensão do objetivo do curso; (2) nível de satisfação do conteúdo às suas necessidades; (3) aplicabilidade do conteúdo no seu cotidiano e (4) adequação da estrutura programática do curso em relação ao objetivo do mesmo. Em relação à compreensão dos objetivos do curso, observa-se que houve uma ampliação na resposta 'Ótimo' em 2013.2, com redução da resposta 'Bom' e 'Muito Bom' em 2013.1. O valor mais frequente na questão (2) em 2013.1 foi a resposta 'Ótimo', enquanto que em 2013.2 'Ótimo' e 'Muito Bom' equipararam. Para a questão (3), o valor mais frequente em 2013.1 foi a resposta 'Muito Bom', e em 2013.2, a resposta mais frequente foi 'Ótimo'. No quesito (4), em 2013.2, obtém-se uma queda na resposta 'Ótimo' e aumento da resposta 'Muito Bom', em relação a 2013.1 (Figuras 5 e 6).

As respostas às questões (2) e (3) mostram que, embora tenha ampliado a clareza da aplicabilidade e utilidade do conteúdo do curso para o dia a dia, de um semestre para o outro, o nível de satisfação não acompanhou o mesmo padrão de respostas. O crescimento da aplicabilidade do conteúdo se deve à maneira como o curso é pensado e como é mediado o processo de ensino-aprendizagem, esforço conjunto da coordenação e dos monitores/instrutores voluntários em relacionar o conteúdo formal ao cotidiano dos participantes, de maneira prazerosa e lúdica.

Para a quarta questão, houve um aumento das respostas do tipo 'Muito Bom', em 2013.2, diminuindo a do tipo 'Ótimo'. Nesse caso, percebe-se que é importante reavaliar o entendimento da adequação do conteúdo programático aos objetivos traçados para o curso, o que já vem sendo feito pela coordenação do curso, no sentido de redimensionar os módulos, adequar melhor às atividades ao ritmo, ao tempo e às habilidades motoras deste público.

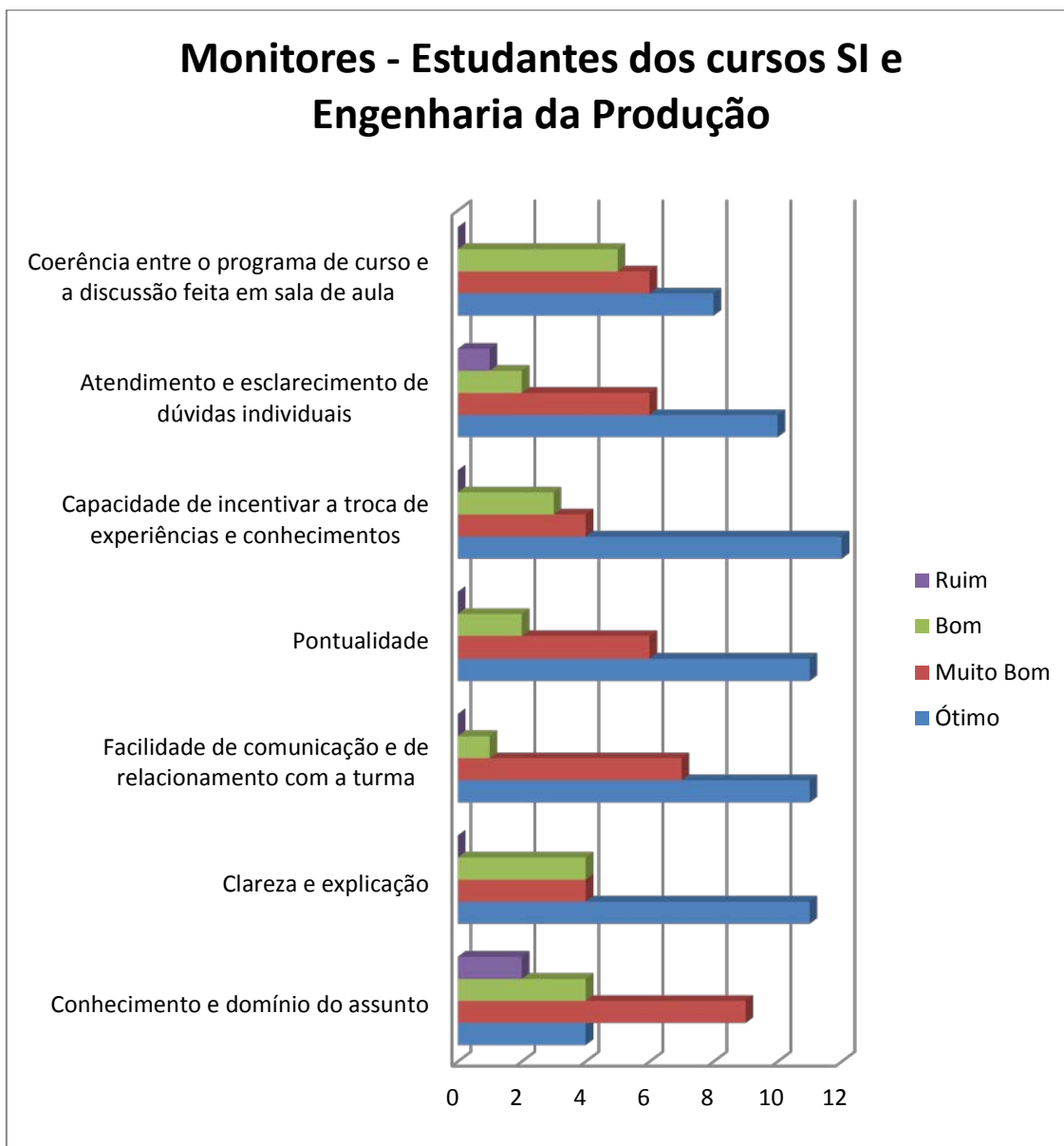
Os idosos também foram questionados em relação aos estudantes dos cursos de SI e Engenharia da Produção, monitores do projeto (figuras 7 e 8). Para eles, os estudantes esclarecem bem as dúvidas, são pontuais, têm facilidade de comunicação e relacionamento com a turma e possuem clareza na explicação dos assuntos. Nestas perguntas, o item de maior valor foi a resposta 'Ótimo', para os dois semestres.

Figura 7 – Avaliação dos Monitores - PIDI – semestre 2013.1



Fonte: Própria, 2014

Figura 8 – Avaliação dos Monitores - PIDI – semestre 2013.2



Fonte: Própria, 2014

Quando perguntados sobre a coerência entre o programa do curso e as discussões em sala de aula, em 2013.1 a resposta de maior frequência foi 'Muito Bom', e em 2013.2, 'Ótimo'. É possível inferir, a partir destes resultados, que houve uma melhora na compreensão dos objetivos e programa do curso por parte dos idosos, ou uma maior preocupação em tornar as discussões mais efetivas e contextualizadas em sala de aula.

De forma semelhante aconteceu com os resultados para a questão 'Capacidade de incentivar a troca de experiências e conhecimentos'. Em 2013.1, embora os monitores tenham sido avaliados com 'Bom', 'Muito Bom' e 'Ótimo', a resposta de maior valor foi

‘Muito Bom’, e também houve quem os avaliassem como ‘Ruim’ neste item. Em 2013.2, a resposta de maior valor foi ‘Ótimo’, e não tivemos respostas do tipo ‘Ruim’. Nesse item, nota-se que há inversão de valores, isto é, o estudante voluntário assume o papel de docente e percebe o seu posicionamento diante de uma classe, de como é rico o processo de aquisição e troca de conhecimento, tanto teórico como prático, e quantos desafios precisam ser transpostos na tentativa de tornar o processo de ensino-aprendizagem mais leve e fácil. Nesse cenário, o estudante voluntário se apresenta como mediador da construção e da troca de conhecimentos dos idosos, em uma relação de interação (inter sujeitos) e partilha de conhecimentos técnicos, tácitos e afetivos.

Quanto ao conhecimento e domínio do assunto dos estudantes voluntários, nota-se que em 2013.2 o conceito ‘Ótimo’ caiu, se igualando ao conceito ‘Bom’ e elevando o ‘Muito Bom’, visível nas respostas dos dois semestres. Infere-se que, embora haja a percepção pelos idosos da importância da mediação dos voluntários, há também, em paralelo, a necessidade de contínuo estudo sobre os conteúdos abordados e aproximação dos mesmos à realidade deste público. Outro fator percebido, através das observações dos momentos de aula em laboratório, é que falta, para alguns alunos, maturidade para saber lidar com as diferenças, as dificuldades inerentes à idade e habilidades interpessoais. Este projeto vem, também, ajudando-os no sentido de que percebam essas diferenças, valorizem o outro e aprendam habilidades sociais.

Figura 9 – Avaliação da Metodologia e Recursos - PIDI - semestre 2013.1

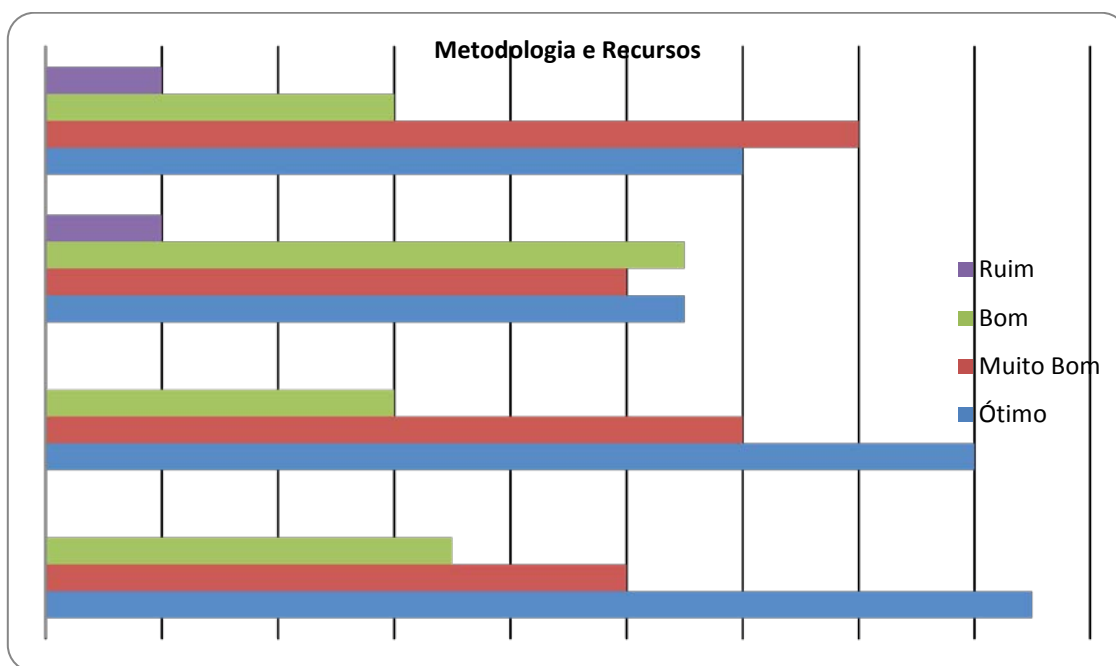
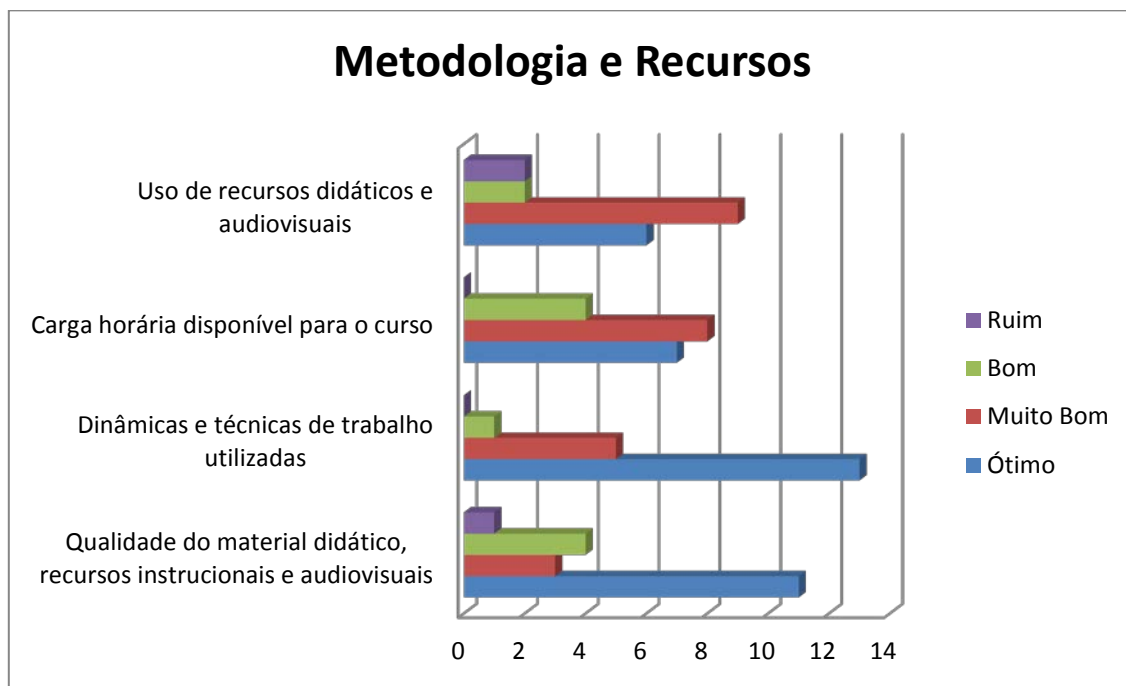




Figura 10 – Avaliação da Metodologia e Recursos - PIDI - semestre 2013.2

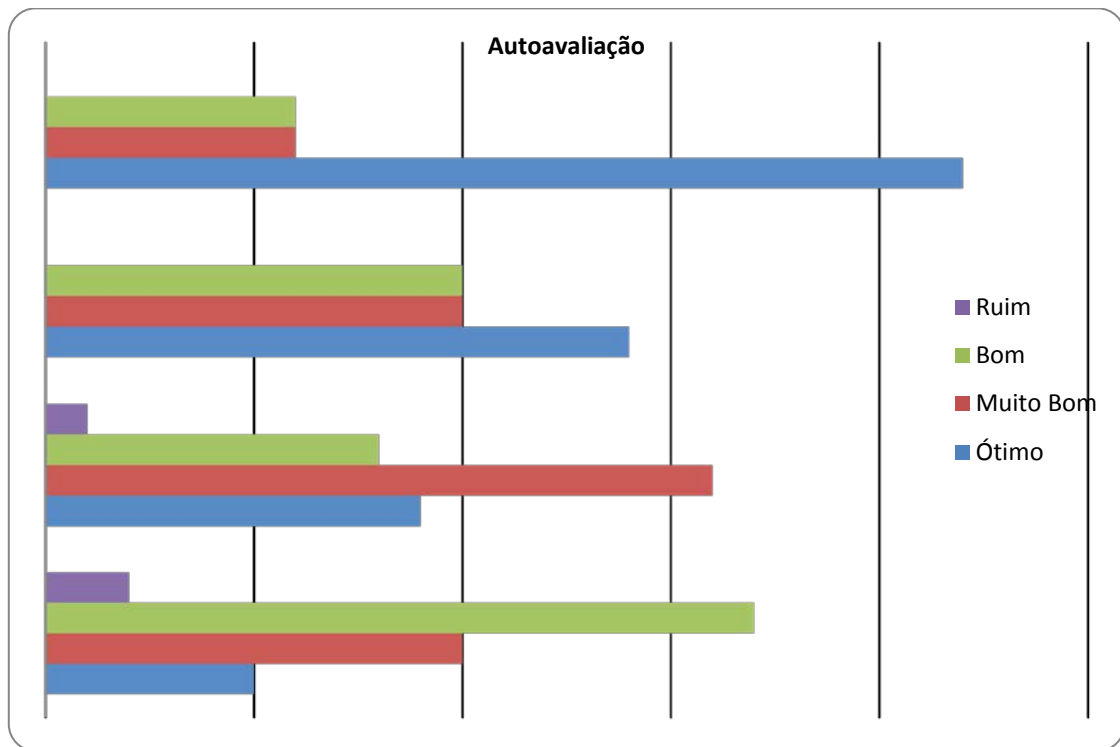


Fonte: Própria, 2014

Quanto à metodologia e recursos utilizados pelo PIDI, os participantes entenderam que os recursos didáticos e audiovisuais, assim como as dinâmicas e técnicas utilizadas durante as aulas, atenderam de maneira satisfatória o propósito desejado. As respostas variaram entre 'Muito Bom' e 'Ótimo' (Figuras 9 e 10). Entretanto, em relação à carga horária do curso, tanto em função dos resultados apresentados, quanto pelos comentários e observações feitas em sala de aula, percebe-se que, para esse público, não só é importante prover uma carga horária mais extensa, como também diluí-la em mais dias. A concentração de muitas horas de aula em um mesmo dia torna a aula cansativa e fatigante, pelas questões físicas, motoras e cognitivas próprias da idade.

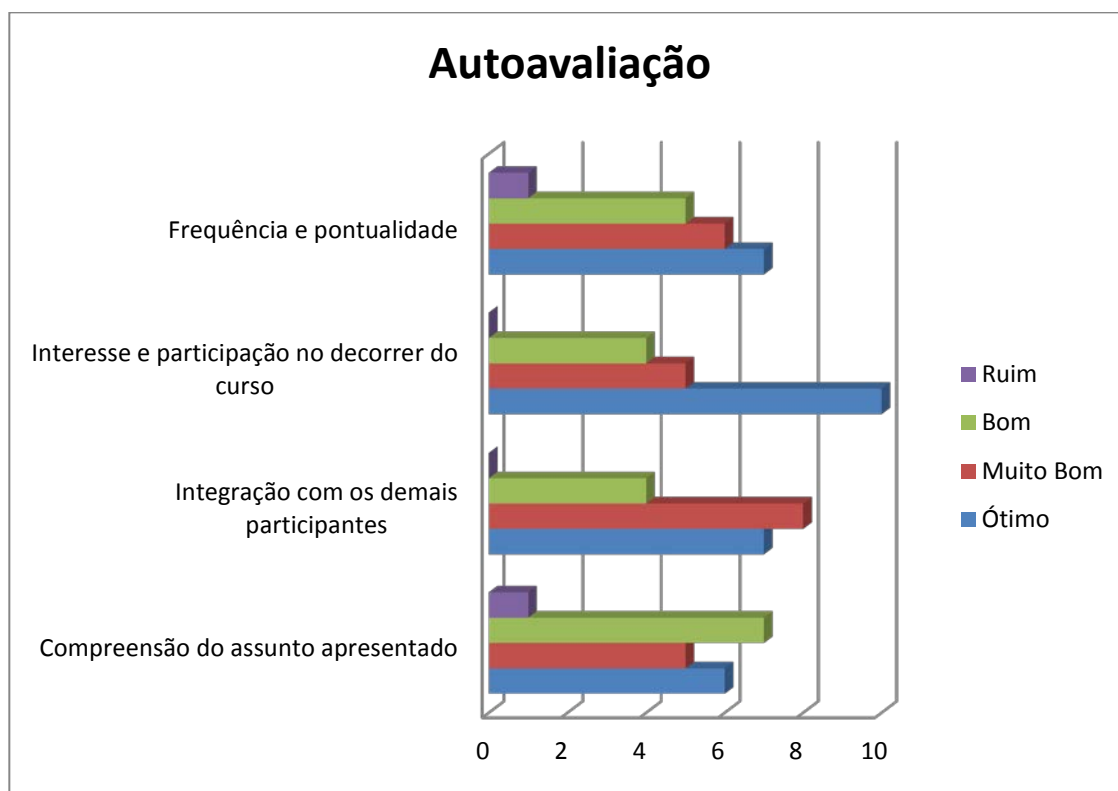
Por fim, foi questionado a cada um dos participantes como ele se avaliava durante esse período. Em se tratando da frequência e pontualidade, esse item foi melhor avaliado pelo grupo de 2013.1 do que pelo grupo de 2013.2, que em alguns casos, avaliaram-se como 'Ruim' (Figuras 11 e 12). O interesse e a participação durante o curso apresentou padrão de resposta diferente: em 2013.1, 'Muito Bom' e 'Bom' empatam, e em 2013.2, o item de maior valor foi a resposta 'Ótimo'. A integração com os demais colegas tem maior frequência nos dois semestres, porém, 'Ótimo' tem um aumento relevante. No geral, o que foi percebido, nestes dois semestres, foi, não só a integração entre eles, mas também a solidariedade, o respeito mútuo e a colaboração nas atividades.

Figura 11 – Auto avaliação dos participantes - PIDI – semestre 2013.1



Fonte: Própria, 2014

Figura 12 – Auto avaliação dos participantes -PIDI - semestre 2013.2



Fonte: Própria, 2014

Quanto à compreensão do assunto, os gráficos evidenciam que, em 2013.1, os participantes do PIDI compreenderam bem os assuntos explanados (respostas do tipo 'Bom'). Neste semestre, percebeu-se, pelas respostas do tipo 'Ruim', que ainda houve a incompreensão por parte de alguns. Em 2013.2, a resposta de maior frequência para o mesmo questionamento continua sendo 'Bom', seguido pelas respostas 'Ótimo' e 'Muito Bom', evidenciando uma elevada melhora se comparados os dois semestres.

Estas são as análises preliminares, desta primeira etapa deste projeto de extensão, indicando não só o nível de satisfação dos idosos participantes, como também as potencialidades das TIC e da intervenção mediadora de outros sujeitos como instrumentos e procedimentos importantes para a (re)integração dos idosos na vida digital e, conseqüentemente, das possibilidades sociais que se apresentam. É importante a clareza de que um projeto social, ainda que em pequenas dimensões, podem gerar ricos frutos para aqueles que com ele se envolvem, sejam estes frutos resultados afetivos, sociais, emocionais e/ou técnicos.

## 6. Conclusão

Este artigo apresentou um estudo que aborda a idealização e concretização de um projeto de extensão comunitária, o PIDI, que contou com o apoio de uma instituição de ensino superior e de um centro de convivência para idosos. O desafio proporcionou, tanto aos membros participantes como ao público da terceira idade, oportunidades,

tais como: melhoria na qualidade de vida, diminuição do isolamento, estimulação da mente, produção de novos conhecimentos e, sobretudo, bem-estar ao idoso.

O projeto e aqueles envolvidos diretamente acreditam que as TIC permitem explorar e desenvolver atividades com base no processo de interação, propiciando a produção de conhecimento individual e coletivo. Nesse sentido, as TIC tornam-se úteis à vida das pessoas, além de permitirem, com a inclusão digital, a socialização entre elas. Assim, neste processo de ensino-aprendizagem, no qual estão envolvidos educadores e educandos, os idosos procuram o curso de informática com intuito de se atualizarem tecnologicamente, revelando um grau de satisfação por aprenderem a utilizar as TIC como meio de comunicação, além de outras ferramentas vistas ao longo do curso. Descobrem-se, ao longo do curso, não só se instrumentalizando, como também se socializando com outras pessoas, interagindo, melhorando a autoestima, a coordenação motora, a memorização e a atenção.

De maneira semelhante, os estudantes voluntários se descobrem assumindo o papel docente, com suas alegrias e desafios, e percebendo o prazer de construir uma relação respeitosa com o próximo, e poder ajudá-lo na construção e compartilhamento de conhecimentos.

O artigo apresentou o PIDI, seus primeiros resultados e avaliações, pretendendo, com a continuidade da oferta de novas turmas e cursos afins, atender a um público maior, e, principalmente, oportunizando que novas TIC (e.g. dispositivos móveis, blogs) sejam apresentadas a esse público. Como continuidade dessa pesquisa, pretende-se envolver novos estudantes dos cursos de SI e engenharia da produção, pretendendo compreender às suas expectativas e de que maneira esse projeto impacta na aquisição e produção de conhecimentos, sejam eles, interpessoais ou cognitivos, uma vez que este é um ambiente que permite a ampliação de novas formas de raciocínio e interação.

## REFERÊNCIAS

- CASTELLS, M. (2003). *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Maria Luiza X. de A. Borges (trad.). Paula Vaz (ver.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- DEMO, Pedro. (2001). Lugar da Extensão. In. FARIA, Dóris Santos de. (org.). *Construção Conceitual da Extensão Universitária na América Latina*. Brasília. UnB.
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (1999). *Plano Nacional de Extensão (1999-2001)*. Brasília. SESU/MEC.
- IBGE. (2008). *Projeção da População do Brasil população brasileira envelhece em ritmo acelerado*.  
<<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=1272>>  
Acesso em 17 de abril de 2014.
- MENDONÇA, S. G. L.; SILVA, P.S. (2002). “Extensão Universitária: Uma nova relação com a administração pública. Extensão Universitária: ação comunitária em universidades brasileiras”. São Paulo, v. 3, p. 29-44.
- OMS - Organização Mundial da Saúde. (2005). *Envelhecimento Ativo: uma Política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde.
- PEREIRA, Alice T. Cybis. (2007). *Ambientes Virtuais de Aprendizagem: em diferentes contextos*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda.
- SILVA, Helena; JAMBEIRO, Othon; LIMA, Jussara; BRANDÃO, Marco Antonio. (2005). *Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n1/a04v34n1.pdf>>. Acesso em 10 de abril de 2014.
- SILVA, Oberdan Dias. (2014). *O que é a extensão universitária*. Disponível em <<http://www.ecientificocultural.com/ECC3/oberdan9.htm>>. Acesso em 15 de abril de 2014.